

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

FLH0421 – ENSINO DE HISTÓRIA: TEORIA E PRÁTICA

PROFESSORA DOUTORA ANTONIA TERRA CALAZANS

GUILHERME MANZONI LEITE – N° USP: 8031715

II Guerra Mundial: propaganda audiovisual sobre a guerra no Pacífico

SÃO PAULO

2015

Tema:

Análise da guerra do pacífico e da propaganda ideológica norte-americana através de recursos audiovisuais, contrapostos a reportagens brasileiras de época sobre o mesmo assunto.

Público Alvo:

Alunos de Ensino Médio.

Duração:

4 atividades.

Objetivos:

Proporcionar aos alunos uma visão da guerra – com ênfase no episódio conhecido como Guerra do Pacífico – através de fontes de época, mostrando a construção da imagem do inimigo e a propaganda de guerra dirigida às massas. A leitura de fontes audiovisuais (incluindo duas destinadas ao público infanto-juvenil) e escritas permitirá que a classe conceba a situação do público diante da guerra, bem como criticar as mesmas num período posterior ao conflito, tendo noção dos vencedores e derrotado, assim como de suas motivações.

Num segundo momento, a atividade será direcionada a introduzir a participação brasileira no conflito, partindo da divulgação midiática dos enfrentamentos, culminando no momento da entrada do país na Guerra. A atividade deverá permitir aos alunos uma visão crítica da estrutura política global contraposta ao governo varguista e, também, à propaganda de massas dirigida ao público nacional.

Conceitos abordados:

-II Guerra Mundial (Guerra no Pacífico).

-Propaganda ideológica.

-Participação brasileira na Guerra.

-Veículos de massa.

Atividade 1

Objetivo: Apresentar, ao mesmo tempo, uma introdução da Guerra do Pacífico – através de fontes de época – e do posicionamento brasileiro quanto ao conflito – tema que será melhor trabalhado posteriormente. A leitura de fontes jornalísticas de época devem despertar um senso crítico especialmente quanto a intencionalidade de sua produção, bem como possibilitar a observação da evolução do posicionamento brasileiro na Guerra e introduzir – indiretamente – o tópico da construção da imagem do inimigo.

(Nota: esta sequência deve ser realizada depois do estudo do Imperialismo e das Grandes Guerras, e antes da introdução do tema das bombas de Hiroshima e Nagasaki, por ligar a rivalidade nipo-americana a questões do imperialismo e da II Guerra).

Diretrizes: Inicialmente, o professor deve apresentar as seguintes fontes documentais:

New York World-Telegram
LATEST WALL ST. PRICES
Real Estate, Page 31
PRICE THREE CENTS

Local Forecast: Light rain tonight, somewhat higher temperatures than last night; tomorrow cloudy followed by clearing, cooler than today.

VOL. 74—NO. 133—IN TWO SECTIONS—SECTION ONE NEW YORK, MONDAY, DECEMBER 8, 1941

1500 DEAD IN HAWAII

CONGRESS VOTES WAR

Tally in Senate Is 82 to 0, In House 388 to 1, with Miss Rankin Sole Objector

By LYLE C. WILSON,
Special Press Staff Correspondent.

WASHINGTON, Dec. 8.—Congress today proclaimed existence of a state of war between the United States and the Japanese Empire 33 minutes after President Roosevelt issued before a joint session to ask such action and pledge that we will triumph—"so help us, God."

Democracy was proving its right to a place in the

SOVIET UNION
MONGOLIA
CHINA
JAPAN
CANADA
UNITED STATES
MEXICO

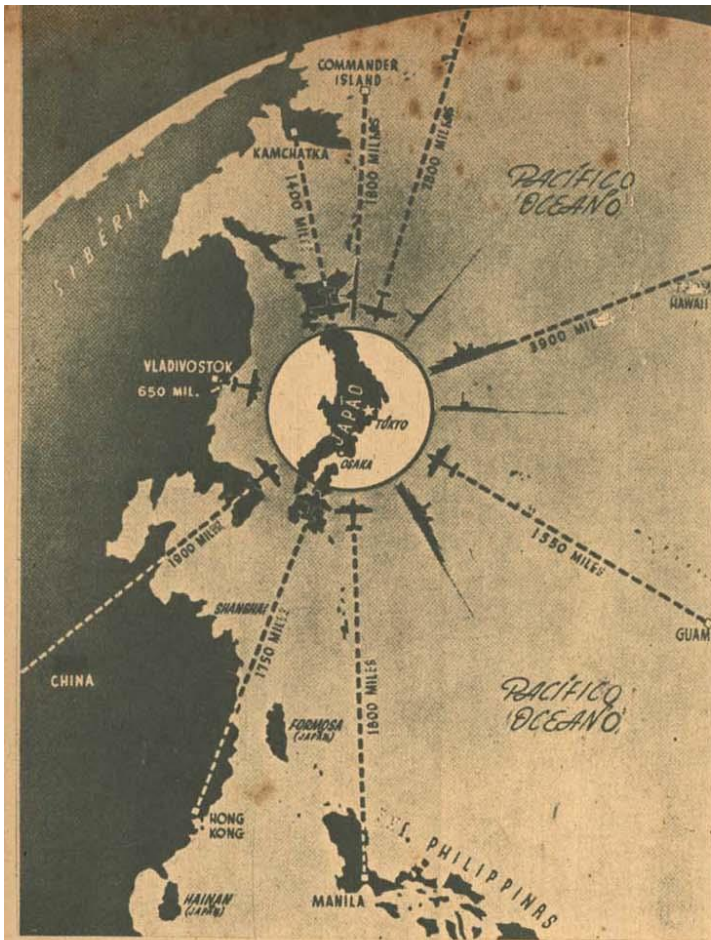
100 to 200 Soldiers Killed in Japanese Raid On Luzon in Philippines

BULLETIN.

By the United Press.
MANILA, Dec. 8.—Press dispatches reported that 100 to 200 troops, 60 of these Americans, were killed or injured today when Japanese warplanes raided Iba, on the west coast of the island of Luzon, north of the Cebu naval base.

BULLETIN.

(Tradução: 1500 mortos no Havai, Congresso vota guerra. Fonte: imagens do Google).



Junto ao governo das Filipinas foi chamado do seu retiro e colocado no comando de todas as forças americanas do Extremo Oriente.

O QUE O JAPÃO PODE FAZER

Os peritos militares estão convencidos de que o Japão não pode conquistar as Filipinas e as Índias Orientais Holandesas sem primeiro capturar Singapura. Por isto mesmo é que eles acompanham com tanta atenção os movimentos japoneses rumo ao Sião.

Contra a possibilidade de um ataque por terra, a grande base do Oriente dispõe de grandes contingentes de tropas inglesas e australianas, cujo número não tem cessado de crescer no curso dos últimos meses. E no que diz respeito a um ataque por mar, todos são acordes em reconhecer que ele seria muito arriscado em face das ameaças que constituem para os flancos japoneses as forças estacionadas em Hong-Kong e nas Filipinas.

Dai pensarem alguns que o primeiro movimento nipônico poderia ser contra Hong-Kong e as Filipinas, seguido logo de uma investida contra Singapura. Se o Micado fosse feliz nessas perigosas empreitadas as Índias Orientais constituiriam depois presas fáceis. A posição estratégica de Hong-Kong e das Filipinas dá um valor especial às informações de que um corpo expedicionário japonês rumou há pouco tempo para a ilha Formosa, importante base com que conta o governo de Tóquio perto daqueles dois postos avançados das democracias anglo-saxônicas.

O QUE OS ESTADOS UNIDOS PODEM FAZER

No caso em que os Estados Unidos sejam arrastados à guerra, tanto a Marinha como o Exército terão que desempenhar um papel saliente. Este se responsabilizará pela defesa das Filipinas e poderia talvez reforçar as guarnições de Singapura e Java. Aquela competiria enfrentar o inimigo na água ou nos ares, com a ajuda de sua poderosa aviação.

Naturalmente seriam também envolvidas as defesas do Hawaii, da costa do Pacífico, Panamá e Alaska.

Desde 5 de outubro de 1937, num discurso em Chicago, o presidente Roosevelt sugeriu um plano para neutralizar qualquer agressor no Pacífico, que consistia no embargo econômico reforçado por bloqueio naval. Foi dito mesmo que se discutira a possibilidade de ingleses e franceses colaborarem nesse terreno com os Estados Unidos. Mas uma reação contrária da opinião pública impediu que Roosevelt fosse adiante.

INTENSA atividade reina em todas as bases americanas do Pacífico.

Em Pearl Harbor (Hawaii), nas ilhas Midway e Wake, em Guam e em Manila (Filipinas) unidades da Marinha e corpos de fuzileiros ou do Exército dos Estados Unidos apressam os preparativos para enfrentar qualquer emergência. O contra-almirante John H. Towers, chefe do Departamento Aeronáutico da Marinha, foi às ilhas Hawaii certificar-se de que a força aérea naval se acha pronta para a ação, enquanto o contra-almirante Herbert Pott, da Marinha in-

glesa e adido à Embaixada de sua majestade em Washington, voava para São Francisco, com o objetivo de trocar preciosas informações com o contra-almirante John W. Greenlaid.

Ele disse que se os navios americanos entrassem em guerra "pediriam obviamente usar Singapura como base".

O presidente Roosevelt lançou uma ordem tornando o Exército das Filipinas parte do Exército dos Estados Unidos.

O tenente-general Douglas Mac Arthur antigo chefe do Estado Maior do Exército e ultimamente conselheiro militar

A GUERRA NAVAL NO PACIFICO e como os Estados Unidos planejam ganhá-la

AS FILIPINAS COMO CHAVE DA ESTRATÉGIA AMERICANA CONTRA O JAPÃO

(Extraída de "The United States News")

Agora as coisas mudaram. Medidas econômicas já foram tomadas contra o Japão e estas serão acompanhadas de medidas militares, se ele persistir no caminho da agressão.

Tais medidas poderão consistir de um bloqueio dos suprimentos para o Japão por meio de aviões, submarinos, destroyers e cruzadores, operando das bases das Filipinas. Neste caso seria especialmente efetivo o bloqueio das águas entre Manila e Hong-Kong, o que impediria o Japão de transportar as suas tropas, livremente, através do mar do sul da China.

Para tornar esse bloqueio completo outros navios e aviões patrulhariam as águas entre as Filipinas e Hawaii.

Já outros peritos sustentam que a guerra econômica e o bloqueio naval não seriam suficientes por si sós para derrotar o Japão. Se os nipônicos atacassem Singapura ou as Índias Orientais, a frota americana deveria rumar imediatamente para as ilhas metropolitanas do Império do Sol Nascente, obrigando a esquadra rival a dar meia volta para proteger as suas próprias costas, se não quisesse correr o risco de vê-las devastadas irremediavelmente.

Outra possibilidade consiste num movimento da esquadra americana para Singapura, base que está à sua disposição em caso de necessidade. Nessa hipótese algumas unidades da frota do Atlântico poderiam temporariamente ser mandadas para a costa do Pacífico, com o fim de defendê-la contra possíveis incursões.

O PAPEL DA AVIAÇÃO

Esta será em qualquer hipótese um fator de primeira ordem na luta contra o Japão. Bombardeiros são continuamente enviados para Hawaii, Filipinas, Singapura, Índias Orientais e China. Esses aviões poderão patrulhar o oceano, atacar navios de guerra ou de transporte japoneses, fugitar as forças terrestres onde quer que encontrem e até incursionar sobre as cidades do próprio Mido. Avalia-se a aviação japonesa em 3.000 aparelhos, divididos igualmente entre o Exército e a Marinha.

Destes, muito poucos não tem capacidade para substituí-los rapidamente. Por outro lado, lá está Vladivostok a 850 milhas somente de Tóquio, Iocoma e Cobe, que limitam a área industrial do país. E dispendo da colaboração de Vladivostok os bombardeiros americanos poderiam, também, partindo de Guam, despejar as suas cargas sobre as grandes cidades japonesas, e rumar depois para o importante porto russo no Extremo Oriente. Lá carregariam novas bombas que seriam largadas mais uma vez sobre o Japão, no caminho de volta. Tal colaboração constitui uma hipótese, não se sabendo se esse assunto foi ventilado nas conversações Hopkins-Stalin.

A DEFESA DAS FILIPINAS

Pelo menos 20.000 homens do Exército regular dos Estados Unidos, estão concentrados nas Filipinas, aos quais acabam de se juntar 150.000 homens do Exército das ilhas.

A chave das Filipinas é Manila, em cujo porto pode ser acomodada toda a esquadra do Pacífico. A sua entrada é protegida pela ilha Corregidor, uma espécie

Continuação da pagina 10

de e depois que os seus colegas foram embora, tomou a mão de Olenka e exclamou, irritado:

— Não te disse já que não falasses do que não entendes? Quando nós, médicos, discutimos coisas, por favor, não te metas na conversa. Isto está-se tornando uma maçada.

Ela olhou-o com espanto e alarma e perguntou:

— Mas, Volodichka, de que "devo" falar, então?

E lançou-lhe os braços ao pescoço, chorando, e roçou-lhe que não se zangasse. E os dois sentiram-se muito felizes.

Mas a sua felicidade foi de curta duração. O cirurgião-veterinário partia com o seu regimento, que foi transferido para um lugar distante, quase tão longe como a Sibéria, e Olenka ficou só.

Desta vez ficou completamente só. Seu pai morrerá havia muito tempo e a sua cadeira de braços estava na água furtada, coberta de poeira e sem uma perna. Olenka emagrecera e tornou-se muito doméstica, e as pessoas que a encontravam na rua não mais a olhavam como antes, nem sorriam para ela. Era evidente que os seus melhores anos haviam passado definitivamente e que uma nova vida, dúbia e insípida, ia começar para ela, uma vida em que nem era bom pensar.

À noite, Olenka ficava sentada na escadaria de sua casa e ouvia a música e os foguetes no Tivoli, mas aquilo não mais despertava nela qualquer emoção. Olhava indolentemente para o pátio, sem pensar em coisa alguma, sem nada querer, e à noite sonhava apenas com o pátio vazio. Comia e bebia sem vontade.

E o pior era que já não tinha opiniões. Via e compreendia tudo o que se passava em redor, mas não podia formar uma opinião a respeito. Não sabia sobre o que falar. E como era terrível não ter opiniões! Por exemplo, via-se uma garrafa, chovia, via-se um "mujik" passar num carro, mas para que eram a garrafa, a chuva ou o "mujik" ou qualquer a sua significação, a gente não sabia. Nos tempos de Kukin e Pustovalov e, depois, do cirurgião-veterinário, Olenka tinha explicações para tudo e dava a sua opinião livremente e com convicção. Mas agora havia um vazio completo no seu coração, no seu cérebro e no seu pátio. E tudo aquilo era pungente e amargo como fel.

Pouco a pouco, a cidade foi crescendo em volta. A Estrada do Cigano tornou-se uma rua e onde estivera o Tivoli e o depósito de madeiras havia agora casas e

de Gibraltar do Oriente. Na parte sul da baía, está *Cavite*, base naval americana. Outra base acha-se localizada em *Olongapo*, na baía Subir, 40 milhas ao norte da baía de Manila. Em *Olongapo* há um dique flutuante.

Os peritos admitem que é viável um ataque japonês a Manila, por meio de um desembarque em *Lingayen*, ao norte, ou em *Batangas*, ao sul. Ambas as operações seriam muito difíceis e teriam de vencer uma resistência desesparada por parte dos americanos e filipinos. Não se exclui também a possibilidade de um bloqueio de Manila com o fim de fazê-la render-se pela fome.

As Filipinas são muito ricas, quer em produtos agrícolas, quer em produtos minerais. Só as suas jazidas de ferro, em *Surigão*, são estimadas em 500.000.000 de toneladas. Desse minério o Japão importa anualmente um milhão de toneladas e é na espécie o único freguês dos filipinos.



EPILEPSIA ATAQUES EPILEPTICOS

— Não perca tempo! Tome, sem demora, uma colher das de sopa, uma hora antes do almoço e outra ao deitar-se, diariamente, durante 3 meses.

ANTIEPILEPTICO BARASCH

— MEDICAMENTO INSUBSTITUIVEL NO
TRATAMENTO RADICAL DA EPILEPSIA!

uma série de ruas transversais. Como o tempo voa! A casa de Olenka tornou-se sombria, o teto fuliginoso e o alpendre parecia prestes a desmoronar. Bardanas e cardos cobriam o pátio. Olenka envelhecera e tornara-se muito caseira. No verão ficava longas horas sentada na escadaria de sua casa e na sua alma havia um grande vazio, uma grande melancolia e amargura. Quando sentia o hábito da primavera ou quando o vento assoviava nos sinos da catedral, uma onda súbita de recordações lhe passava pela mente, o seu coração dilatava-se suavemente e dois fios de lágrimas humedeciam-lhe as faces. Mas isto durava apenas um momento. Depois vinha de novo o vazio e este sentimento desolador: Que adianta viver? A gatinha negra, Bryska, passara roçando por ela, ronroando docemente, mas as carícias do animalzinho deixavam-na insensível. Não era disso que ela precisava. O que ela precisava era de um amor que absorvesse todo o seu ser, toda a sua razão, toda a sua alma, que lhe desse idéias e um objetivo na vida, que acalentasse o seu sangue que já começava a envelhecer.

E desviava a gatinha com irritação, dizendo:

— Vai embora! Que estás fazendo aqui? E assim se passavam os dias e os anos, sem um único prazer, sem uma única opinião. Tudo o que Marva, a cozinheira, dissesse, estava muito bem.

Num dia quente de julho, ao anoitecer, quando o gado da cidade vinha chegando e todo o pátio estava cheio de nuvens de poeira, bateram ao seu portão. Ela própria foi abrir e ficou estupefata vendo diante de si o veterinário Smirnov. Trajava à paisana e o seu cabelo tinha-se tornado grisalho. Todas as velhas recordações entraram em torrente na alma de Olenka, e, sem dizer uma palavra, apófu a cabeça ao peito de Smirnov. Foi num estado de completa inconsciência que entrou em casa e se sentou com ele a tomar chá.

— Meu querido! — murmurou Olenka, trêmula de alegria. — Vladimir Platonych, de onde te trouxe Deus?

— Tenciono estabelecer-me aqui definitivamente — respondeu Vladimir Plato-

(Continua na pagina 29)

(Fonte: Revista Vamos Ler, Rio de Janeiro, 1941; disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/exposicao_guerra/. Último acesso em: 15/06/15).

Após as leituras individuais, algumas questões podem ser postuladas sobre o tema e apresentadas à classe:

1. Vemos duas reportagens jornalísticas contemporâneas e sobre o mesmo tema, embora de nacionalidades diferentes. Como elas se relacionam? Quem as produziu? Possuem semelhanças ou diferenças?
2. Por que o principal enfrentamento dos norte-americanos na Segunda Guerra Mundial foi contra o Japão? Existiam antecedentes? Quais interesses estavam envolvidos?
3. O segundo documento é uma reportagem brasileira, evidentemente alinhada com os norte-americanos. Levando em consideração o contexto histórico nacional e internacional, por que ocorre este alinhamento? Como a reportagem o justifica?
4. Como a revista “Vamos Ler” representa os americanos? E os japoneses?

Note-se que esta primeira rodada de questões apresenta um forte caráter diagnóstico, especialmente de temas que deverão ter sido tratados previamente e que terão grande valor nos exercícios futuros, portanto, não deve possuir uma cobrança excedente. Para a próxima atividade, o professor pode solicitar aos alunos exemplos de produções conhecidas, voltadas para o entretenimento, que apresentem a II Guerra Mundial e uma caracterização marcante do “inimigo”, este esforço na identificação das mesmas irá facilitar a absorção da próxima atividade.

Atividade 2

Objetivos: Proporcionar aos alunos o contato com produções de massa da época da Guerra, classificadas como o que hoje chamaríamos de “cultura pop”, permitindo-lhes estabelecer relações com as mídias jornalísticas apresentadas anteriormente e observar como a construção da imagem do inimigo era feita no campo ideológico-cultural, bem como suas funções junto a opinião pública.

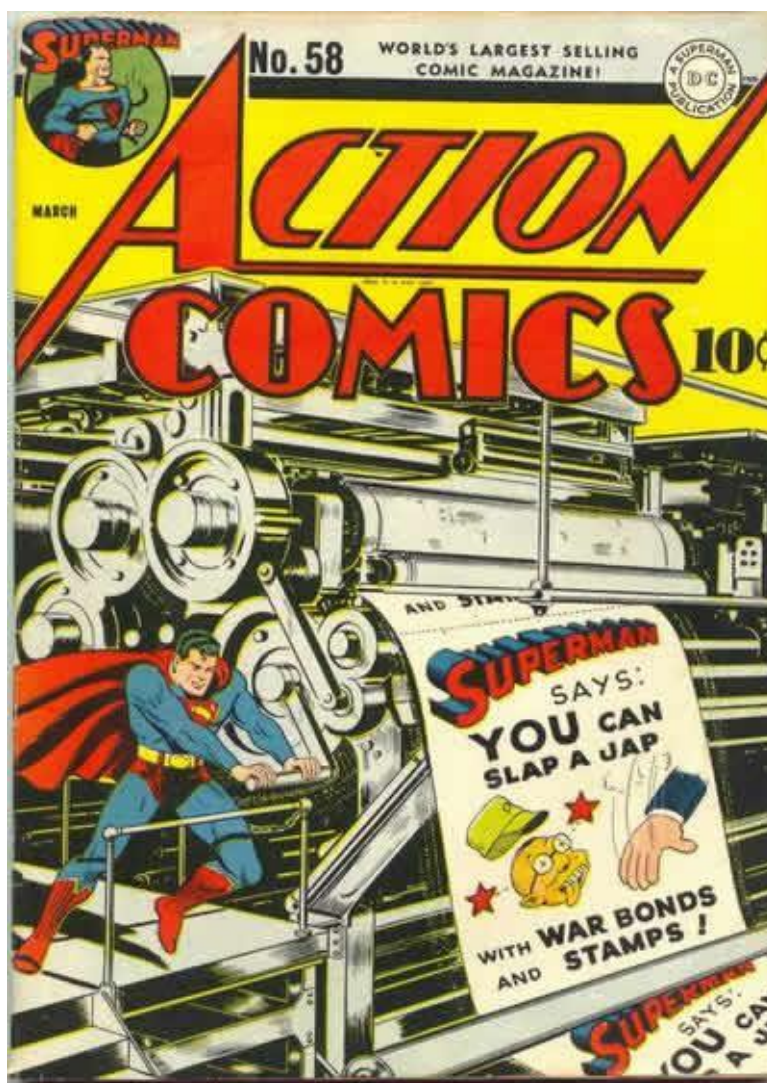
Diretrizes: Desta vez, a atividade irá se basear diretamente nos produtos difundidos em larga escala pelos norte-americanos em seu público interno, inicialmente, através da exibição do seguinte episódio do desenho animado “Popeye”, lançado em 1941, como parte do esforço de guerra contra o principal adversário do país no Oceano Pacífico: o Japão.

https://www.youtube.com/watch?v=8p_SABG3SPk

(Último acesso em: 15/06/15).

Observação: a ausência de legendas é, inicialmente, um problema, entretanto, pode-se contorná-lo de três maneiras possível: legendando o vídeo por conta própria, criando uma atividade coordenada com o professor de inglês, ou simplesmente deixando-o como está, porém, dando maior ênfase às informações visuais, ao lado de algumas traduções pontuais (Ex.: “Made in Japan”, “We want peace sign here”), tudo ficando submisso ao bom senso do professor.

Imediatamente após a exibição do desenho, introduz-se a seguinte imagem:



(Trad.: Superman diz: você pode estapear um “japa”, com ligações de guerra e selos [refere-se a auxílios financeiros que a população podia enviar]; fonte: imagens do Google).

À seguir, sugere-se uma série de questões como forma de contextualização e interpretação dos desenhos apresentados:

1. Sabendo que ambos os desenhos foram produzidos no contexto histórico apresentado na atividade 1, por quem e para que público eles foram desenvolvidos?
2. O que (ou quem) os personagens Superman e Popeye representam?
3. Você acha que, por serem desenhos, eles se destinavam apenas a crianças?
4. Como os japoneses são retratados? Por que? Cite exemplos.
5. Quais são os efeitos deste tipo de material divulgado em épocas de guerra? Eles são eficazes em atingir seus objetivos?
6. Quais são os valores que eles exaltam? E quais eles condenam?
7. Podemos dizer que os dois materiais convergem? Por que?

A discussão pode ser feita em forma de questionário, ou, preferivelmente, de diálogo entre a sala, mediado pelo professor. A atividade também servirá como diagnóstico do quanto a sala é capaz de ler as entrelinhas de documentos audiovisuais e visuais e de sua capacidade de transpor informações de veículos de entretenimento para um contexto de estado como a guerra.

Para a próxima aula, o professor pode selecionar pequenos excertos do livro didático de História do Brasil que tratem do Estado Novo, dando ênfase às características gerais do regime e do posicionamento perante a Segunda Guerra Mundial.

Atividade 3

Objetivo: Finalizar a discussão, ligando os conceitos das duas aulas anteriores, enquanto se insere a realidade brasileira no cenário construído.

Diretrizes: Novamente, será utilizada uma fonte jornalística de época, mas, desta vez, tratando diretamente da participação brasileira. O professor deverá indicar a leitura da seguinte notícia:

Participação direta

A decorrência, este ano, a 28 do corrente do terceiro aniversário do rompimento do Brasil com as potências do Eixo lembrou a todos os espíritos que, agora, o nosso país participa diretamente da luta armada internacional.

E tal circunstância dá-nos uma posição de maior relevo no couselho das demais nações que desde o princípio se entregam, de corpo e alma, a essa campanha pela libertação dos povos oprimidos.

O valor da rememoração daquela data que se tornou, para nós, histórica, reside, precisamente, no fato de que, quando tomámos a decisão de romper relações com os países do Eixo, ninguém, no mundo, tinha a certeza de que os acontecimentos tomariam os rumos que seguiram. Era incerto o caminho da conflagração. E, muito, ao contrário, por mais elevado fosse o otimismo das forças aliadas, no terreno da objetividade, venciam, nos mares, ares e em terra as tropas as-

saltantes dos hunos prussianos.

Acontece, contudo, que a nós não interessava saber nem investigar quem estava ou não vencendo. O que se fazia preciso examinar era qual das duas forças em choque procurava, efetivamente, defender os princípios de liberdade. Felizmente, tínhamos em casa exemplos que evidenciavam e caracterizavam os objetivos de uma das correntes. Ha alguns anos, e não tão distantes da nossa época, surgira, entre nós, sob a capa de um nacionalismo extremado, que fazia de sua bandeira a trilogia de Deus, Pátria e Família, um partido político que condenando os grupos partidários e verberando a política do momento, contraditoriamente, se inscreveu nas eleições havidas, concorreu aos pleitos e elegeu alguns de seus representantes. Foi o famigerado integralismo do sr. Plínio Salgado e de seus asseclas que constituiu, para nós, àquele tempo, um terrível pano de

amostras do que seria, em qualquer pedaço da América, o domínio da doutrina totalitária. O fascismo brasileiro embora pequeno o tempo de duração em nosso meio não deixou de agir criminosamente. A's caladas da noite, tentou assassinar o Chefe da Nação e sua família. E, hoje como amanhã, ninguém esquecerá, jamais, o serie de erros praticados, em nossa Pátria, pelo filho mais novo do fascismo europeu.

Quando pois, entrámos no conflito internacional tomando o lado das Democracias obedecemos ao imperativo da tradição de nosso país. E demos uma demonstração pública de que, se haviam repudiado, internamente, o fascismo integralista, também estávamos dispostos a repudiá-lo no campo externo. E, na orbita internacional, teríamos que formar fileiras com as nações vigorosas que souberam levantar barreiras às pretensões absurdas dos povos nazistas e fascistas.

A data do rompimento foi, assim, o primeiro passo do Brasil que o tornou, perante o mundo como nação autenticamente democrática. Após, tivemos que declarar guerra à Alemanha, Italia e ao Japão. Depois, começámos a fornecer de nosso solo as

materias primas de que careciam, para o prosseguimento da luta, as nações aliadas. E, por fim, tivemos de enviar os nossos contingentes para as frentes de combate. Hoje, em solo italiano, tremula o pavilhão auri-verde. E' o sinal da presença dos soldados brasileiros, lutando com remanescentes das forças alemãs que ainda operam na península. Dali, as nossas tropas, aumentadas com novos reforços que daqui seguirão ainda, deverão, quando necessário rumar a outras terras, chegando, sem dúvida, a pisar, também, o território alemão, hoje às vesperras de cair, totalmente, em poder dos russos e aliados que operam no oeste de que nos dá prova evidente a conservação ininterrupta entre Stalin e Eisenhower.

Se, pois, não comemorámos, com festas retumbantes, o terceiro aniversário do rompimento do Brasil com as falidas potências do Eixo, temos, no entanto, a satisfação de registrá-lo em ocasião feliz em que os nossos homens empunham as suas armas nas trincheiras de combate, dando a própria vida pela vitória da causa aliada.

«O Estado» de 30-1-1945.

(Fonte: Revista O Mês, Fortaleza, 1945, disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/exposicao_guerra/. Último acesso em: 15/06/15).

Caberá ao professor organizar uma conversa com os alunos sobre o documento, inicialmente, sem utilizar-se de perguntas-modelo, já que é importante avaliar a própria capacidade dos alunos de interpretar um texto jornalístico, ainda mais após as duas primeiras atividades. Após uma conversa inicial, o professor deve direcionar o debate sob os seguintes aspectos:

1. Identificar o(s) produtor(es) do documento, bem como sua época e possíveis motivações (contextualizar a reportagem).
2. Observar a exaltação dos Aliados e o desmerecimento do Eixo.
3. Identificar as figuras de Plínio Salgado e do integralismo de modo a enriquecer o debate.
4. Permitir a relação ambígua entre a ação brasileira na Guerra e a linha seguida pelo Estado Novo.
5. Reconhecer nesta reportagem, relações iguais ou similares às produzidas pelas fontes anteriores.

Por fim, pede-se que os alunos opinem sobre esta relação: o que pensavam da participação brasileira, se achavam que a Guerra realmente dizia respeito aos povos latino-americanos, se o alinhamento de Vargas com os Aliados não era contraditório, qual a função da mídia na época (se é apenas informar), etc. As opiniões podem ser dadas na forma de um debate entre a sala (ou ente grupos), ou, caso o professor prefira assim, à partir da entrega de algum material escrito.

Atividade 4:

Objetivo: Estimular os alunos a elaborarem um material baseado nos conceitos desenvolvidos nas aulas anteriores, de forma a exemplificar os conhecimentos adquiridos e liga-los a um tipo de avaliação que terão de encontrar em exames vestibulares ou no ENEM.

Diretrizes: Com o fim das discussões à partir dos materiais apresentados, os alunos deverão produzir uma redação individual com os temas trabalhados (propaganda de guerra, construção da imagem do inimigo, Guerra do Pacífico, participação brasileira na Guerra). Os textos poderão seguir os seguintes modelos:

1. Dissertação, nos moldes dos exames nacionais, onde o aluno deve utilizar-se dos materiais, elaborar uma tese e defendê-la.
2. Texto narrativo, onde os conceitos trabalhados devem servir de inspiração para uma história original na forma de narrativa em prosa.

3. Criação de um texto jornalístico fictício nos moldes dos apresentados na atividade, preferencialmente, baseada em outro evento, histórico ou atual, onde haja a formulação negativa de um determinado grupo adversário.

É importante que a avaliação do professor leve em conta a consciência crítica do aluno, bem como sua capacidade de trabalhar os temas de forma não-óbvia.

Materiais complementares:

“Estrada 47”, Dir. Vicente Ferraz, Brasil, 2015.

Exposição virtual “A Segunda Guerra em revista”, Arquivo Público do Estado de São Paulo. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/exposicao_guerra/ (último acesso em: 15/06/115).

“Inferno no Pacífico”, Dir. John Brooman, EUA, 1968.

Bibliografia:

ADORNO, Theodor. *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.

BITTENCOURT, Circe. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo, Cortez, 2004.

BONET, Fernanda Santos. *O discurso oficial brasileiro durante a II Guerra Mundial: o Brasil se une para a Guerra*. In: Encontro Estadual de História, 9., 2008, Rio Grande do Sul. Vestígios do Passado: a história e suas fontes, ANPUH-RS, 2008.

COGGIOLA, Osvaldo. *O sentido histórico da Segunda Guerra Mundial*. In: Olho da História, Salvador-Bahia, n. 1, novembro de 1995.

ZABALA, Antônio. “Os enfoques didáticos”. In: COLL, César, MARTÍN, Elena, ... (org.). *O construtivismo em sala de aula*. São Paulo, Ática, 1996.